

O CEL e as atividades de letrar, humanizar e navegar!

Marisa Martins Gama-Khalil ¹

“É preciso transver o mundo.”
(Manoel de Barros) ²

O Centro de Estudos da Linguagem da UNIR tem uma história que perpassa mais de duas décadas e muitos caminhos. Tudo começou na antiga sala da Coordenação do Curso de Letras, situada logo no início da *campus*, em um espaço que inicialmente seria destinado a hospedar professores visitantes. A sala, que seria um dormitório, era dividida em três ambientes - sala para a secretária do curso, sala da coordenação e banheiro -, um espaço amplo que os professores de Letras literalmente frequentavam. Naquela época eu coordenava o curso com a parceria da amiga Wany Sampaio. Alguns professores não saíam de lá e acabavam levando livros, que eram lidos não só pelos seus donos, mas pelos outros que por ali passavam. Os donos dos livros deixados ali geralmente faziam um convite à leitura: “Hospitalidade do livro e disponibilidade dos leitores. Mútua entrega: condição de um duplo devir.” ³

O querido e saudoso Mauro Carneiro dizia que aquele espaço já estava ficando com ares de biblioteca. Alguns livros foram permanecendo – em sua maioria de Literatura –, doados pelos seus donos àquele espaço e um *locus* de leitura foi se instalando para além da sala de aula.

Eu e Cassilda Duran ministrávamos aulas – também ⁴ – de Literatura Portuguesa e, vendo crescer aquele espaço de leitura, pensamos como seria bom e necessário ampliar aquela prática leitora tão produtiva também para os alunos do curso. A frutuosidade de diálogos entre os professores sobre os livros lidos poderia

¹ Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Pós-Doutorado pela Universidade de Coimbra; Docente do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia; Pesquisadora do CNPq; líder do Grupo de Pesquisas em Espacialidades Artísticas; Líder do GT da ANPOLL Vertentes do Insólito Ficcional. E-mail: mmgama@gmail.com

² *Arquiteturas do silêncio*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015, s.p.

³ LARROSA, Jorge. Sobre a lição. In: _____. *Pedagogia profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 139.

⁴ O “também” deve-se ao fato de, naquele tempo, não nos dedicarmos a apenas um campo de conhecimento das Letras em função do número alto de aulas que tínhamos de ministrar.

estender-se aos alunos que por ali passavam. Como nossa área maior de atuação era a Literatura Portuguesa, decidimos inaugurar o Centro de Estudos Portugueses Florbela Espanca e, para tanto, fizemos contato com a Embaixada Portuguesa e com a Fundação Calouste Gulbenkian. “Navegar era preciso!” e nossa navegação conseguiu seu porto. Prontamente recebemos um retorno e, mais que uma simples resposta formal de incentivo, conquistamos a parceria efetiva dessas instituições, as quais prontamente começaram a nos enviar publicações diversas sobre a literatura e a cultura portuguesas. A cada remessa de livros e revistas ficávamos entusiasmados. Abríamos as caixas, sedentos e curiosos, já esperando as belas publicações da Fundação Calouste Gulbenkian, que eram usadas nas aulas, bem como emprestadas aos alunos e professores.

Nossa biblioteca informal já havia se transformado em um centro de estudos e os livros, revistas, periódicos, que chegavam até nós continuamente, foram exigindo um espaço maior. Começamos a pleitear esse espaço, esforços foram feitos, muitos diálogos com a Reitoria e a Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-Graduação, até que conseguimos um espaço amplo, próximo à cantina do *campus* e às salas onde ocorriam as aulas de Letras. No início, revezávamos o trabalho no Centro: professores e alunos envolvidos com aquele gesto tão importante não só à universidade, mas à comunidade de uma forma geral, o gesto de formação de práticas leitoras. Conseguimos depois um secretário para assessorar nosso trabalho no Centro: catalogação de livros, ordenação nas estantes, empréstimos, assessoramento dos grupos de estudo e de leitura.

O espaço congregava não só os leitores e interessados pela Literatura Portuguesa, como também toda a comunidade de Letras e cursos afins da UNIR. Doações de livros de várias áreas foram acontecendo e o nosso Centro continuava a crescer. Alunos e professores encontravam-se ali para pesquisar, conversar sobre as leituras e a vida acadêmica, planejar atividades diversas, como cursos de extensão e eventos (como o CCPC – Concurso de Crônicas, Poesias e Contos – e as Semanas de Letras). Ali foi gerada boa parte da história/memória do Curso de Letras da UNIR.

E “navegar era sempre preciso”, por isso pensamos em fundar um Centro que abarcasse as literaturas de uma forma geral e os outros campos de conhecimento relacionados às letras. Foi então que criamos o Centro de Estudos da Linguagem

(CEL), um espaço agregador de formação leitora relacionado aos estudos de literatura, de linguística, de línguas estrangeiras, de latim e outros estudos do campo das Letras. Construímos juntos o Estatuto do CEL, criando normas específicas de seu funcionamento. Contudo, mais importante que as normas era o nosso desejo de sempre aliar, à maneira de Roland Barthes, “saberes e sabores”⁵. O Centro desenvolveu-se e “existe” até hoje. Poderíamos dizer “resiste”, porque, mesmo enfrentando as crises pelas quais a universidade brasileira passou, ele continua oferecendo-se como espaço agregador para o contínuo e necessário fortalecimento do Curso de Letras da UNIR.

Hoje, professora em outra universidade, na UFU, fiz um exercício muito bom de resgate de minha rede de memórias para conseguir registrar um pouco da história inicial desse Centro. Como afirmo sempre aqui na UFU, a UNIR sempre será a “minha universidade”, aquela que me ensinou como ser a professora e a pesquisadora que sou hoje, e em função disso reconheço que esse exercício de resgate de memórias – tecidas por lembranças, reminiscências e esquecimentos – foi crucial para deslumbrar o quanto fomos pioneiros, pois, naquele tempo, nas universidades brasileiras, não era tão comum a ideia de centros de pesquisa como é atualmente. E, naquele tempo, já pensávamos em letrar a nós mesmos e a nossos alunos. O letramento corria solto entre nós em um tempo no qual essa palavra ainda não era moda! O letramento, como evidencia Graça Paulino⁶, constitui-se como uma narrativa de identidade, como uma apropriação pessoal de práticas sociais de leitura e de escrita que se revelam sempre imperfeitas em função de seu não acabamento, de um constante devir, desvelando descobertas, perguntas e indícios a novos gestos de leitura e de formação de subjetividades.

E reconheço que tudo começou em decorrência de termos naquele momento professores que entendiam que o espaço acadêmico ia muito além da sala de aula. Eram os encontros sobre leituras diversas, as rodas de discussão de textos teóricos e literários, e um grupo de teatro que eu coordenava com a professora Wany Sampaio, com os nossos alunos-atores, que garantiu até um espaço de apresentação das peças

⁵ *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1988.

⁶ Formação de leitores: a questão dos cânones literários. In: GAMA-KHALIL, Marisa Martins; ANDRADE, Paulo Fonseca (Org.). *As literaturas infantil e juvenil ... ainda uma vez*. Rio de Janeiro: Bonecker; Dialogarts, 2017, p. 23.

no SESC de Porto Velho. Tudo gerado nos espaços do nosso Centro, desde a sala-dormitório-biblioteca da coordenação a outros espaços que ocupamos. Essa rede de memórias faz-me pensar na importância de atuarmos como docentes que se propõem à tarefa de humanização dos sujeitos e dos saberes, ou seja, como docentes que compreendem que a leitura deve estar entranhada em nossas práticas cotidianas, constituindo nossos processos de subjetivação.

Assim, tudo começou meio que despretensiosamente: de uma biblioteca improvisada em um canto da coordenação a um Centro que hoje é referência no Curso de Letras da nossa universidade. Nessa despretensão conseguimos alcançar espaços outros – acima e além –, ou como afirma poeticamente Manoel de Barros: “No achamento do chão também foram descobertas as origens do voo”.⁷

⁷ *Arquiteturas do silêncio*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015, s.p.